

Fernando Machado Silva

**O SILENCIO NUM CAMPO
CANTADO PELO VENTO**

Potsdam ■ 2022-2023

azulcobalto nova série

2025 | 007

Í N D I C E

11

um longo e frio e miserável inferno

31

de fragilidade em fragilidade pelo fulgor da vida

41

a memória já não é uma suave papoila

61

coração de ganso

Las últimas mentiras se disfrazan de invierno

Antonio Gamoneda

*O frio tão agudo e límpido
deslumbra-me os pulmões,
traz-me uma voz nova*

Fiama Hasse Pais Brandão



um longo e frio e miserável inferno

tu defines a distância

tiras o coração
de casa
levantas a noite escura
e retomas a conversa
onde a deixámos

no canto
de outra voz

lança sal ao chão
não deixes o gelo lavrar o caminho
de um ao outro

lança sal ao coração
seca as ervas que o deixam
pelos rastos de tantas vias passadas

se ainda o desencontro te embaraça
a língua lembra-te as raízes
tocam-se fundo como pernas
entre lençóis para assinar o perdão
quando o que foi dito veio
em pedra

tu defines a distância

a voz conhece o grão



é de muito longe que falas
para o sangue correr
às mãos é de muito longe

é de muito longe e de nenhures
um rumor gelado que escuto

tens de percorrer muito o longe
para cortar o escuro e desfazer o nó
encetado desde a infância

vem pelo caminho da geada e neve
de espelho
sob o passo como sobre o peito
o silêncio de margem a margem

é de muito longe
a solidão urso acorrentado
que cada estocada põe no alvo
mais que a fala o correr do sangue

é de muito longe e de nenhures
um rumor gelado que escuto



neva

mas esse cheiro vinha de outro frio
em casa de pedra e lume
de chão

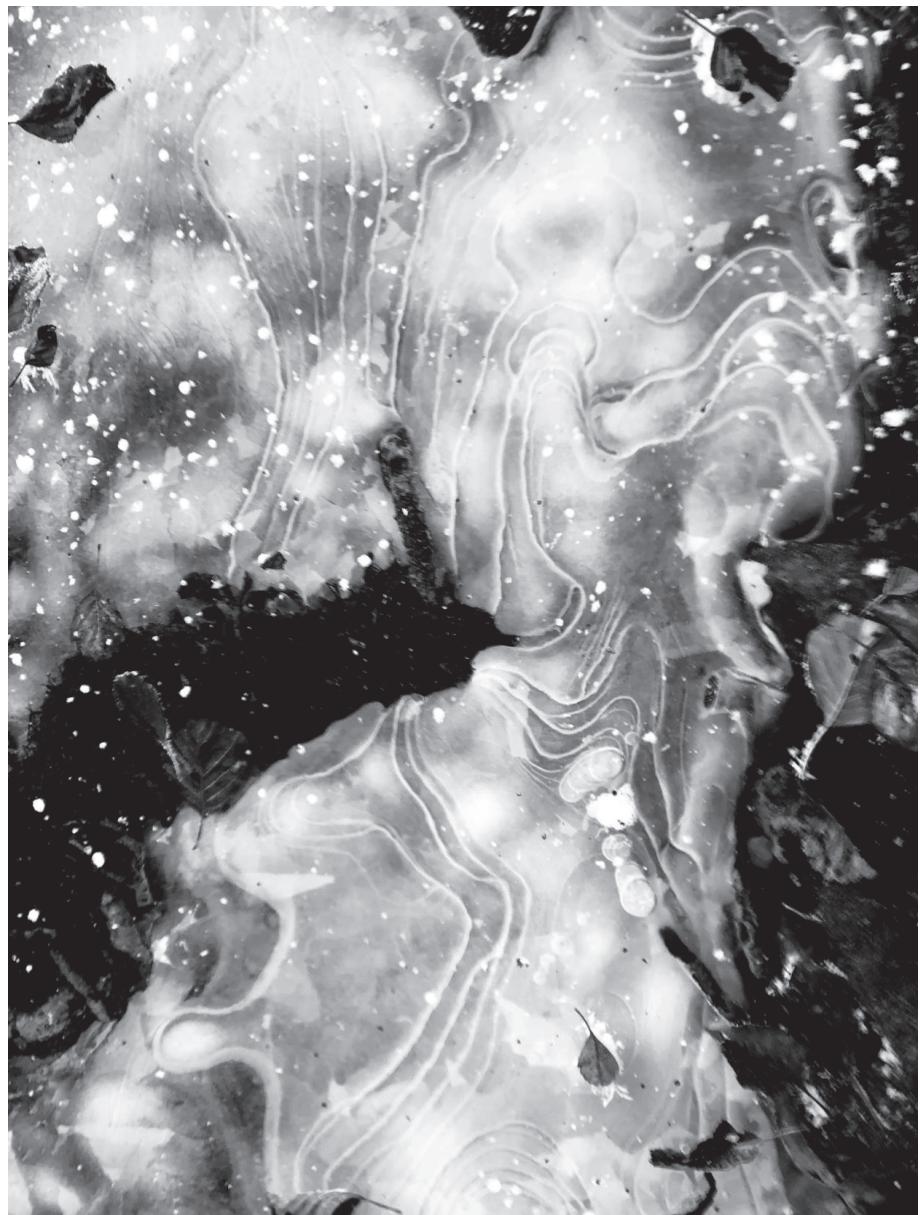
eu era outro dentro do mesmo
silêncio de esquina
antes de virar a aurora
e sabia de cor o lugar do retorno

o gume estava longe

e eu era outro junto ao lume
de chão luminoso de outro fogo

neva e é sempre
noite
e gume afilado
junto ao pulso do que vem





o frio conhece os ossos como um dedo
um espinho a neve aclarava
as sombras e o seu detalhe de filigrana

na mesa
as amarilidáceas de boca aberta
pasmavam com a beleza de ser
noite dentro de casa

não acendas uma luz deixa os olhos
estreitarem o hábito no escuro

não digas uma palavra deixa a cinza
relembra o fogo esquecido dos lábios

as amarilidáceas poalham ouro na mão
é verão pelos teus dedos

não acendas uma luz



cobrir de terra os retalhos da vida
do que nunca poderá vir a ser

com a brisa de uma pluma
soprada na sua ideia de pássaro

de uma lágrima de peixe surpreso
por água ainda pura

pegar no fio que cerze o véu de arlequim
seguir com um dedo o traço da fenda

como se rachou a pátina
como se estancou a bússola a sul de nenhures
e a sombra perdida nas rondas
de outro caminho

cobrir de terra os retalhos da vida
cobrir a terra



o que me visita dá-se entre a mão
deixa ao partir o espírito
indomado pelo desapego

estaca atento distante
da deriva desapiedada das aves
nas margens nevadas do rio

olham a manhã clara e esquecida

o que me visita retorna
palavras que pedem
para ser ouvidas



dá-me a conhecer o ódio
e toda a luz
se apaga com poucas palavras

a sua voz na minha repete a minha voz na sua

de mil maneiras a faca
e o soalho banhado
de um outro pôr-do-sol

a sua voz na minha guia-me pelo eco
nem a paixão pelos dourados de outono
calaram a sua voz
na minha

•